

CORDEL, MISTICISMO E CANGAÇO

Luiz Tavares Júnior

Pertence a Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Professor Titular das Universidades Federal e

Estadual do Ceará. Livre-docente de

Literatura Brasileira com a tese

“O Mito na Literatura de Cordel”. Tem vários livros publicados e artigos em revistas oficiais.

O Nordeste do Brasil, assistiu, no século XIX, ao surgimento de três fenômenos de extraordinária significação na história da cultura brasileira, bem marcante no quadro regional, com ressonâncias até hoje, no campos das artes plásticas, da Literatura, do Cinema e da música popular: o Cordel, o Beatismo e o Cangaço.

O cordelista, o beato e o cangaceiro são três figuras da cultura nordestino, ímpares, sem reproduções em outras paragens brasileiras, (exceção do fanático), com características físicas e um perfil espiritual singulares, inconfundíveis, encarnados em tipos históricos, reais, ou em personagens ficcionais, míticas, conhecidas pela tradição oral e por estudos e análises de ensaístas e pela evocação da representação de romancistas e poetas. Neles, há de se revelar facetas do homem nordestino, e nós, sobretudo, os nordestinos do campo, temos, na alma e no sangue, traças indeléveis dessas três realidades humanas, brotadas na terra e peregrinas na história do Nordeste do Brasil.

Muito se tem escrito e discutido sobre esses três fenômenos. As cabeças mais poderosas da inteligência brasileira, entre antropólogos, sociológicos, folcloristas, romancistas e poetas se debruçaram e se debruçam sobre eles, no passado e no presente, (vejam-se os eventos nacionais e estrangeiros, como este, em comemoração do Centenário de Canudos).

Eles, porém, continuam a atrair e a desafiar com seu “facies” enigmático de esfinge, seduzindo, por vezes, estrangeiros, interessados em nossa cultura.

Não poucos se inclinam a apontar as mesmas causas para o aparecer de dois dos três fenômenos, embora contraditórios, antagônicos, em suas ações e efeitos, o beatismo e o cangaço.

Modestamente, gostaríamos de incluir, no mesmo elenco das causas, o despontar do Cordel. O nordestino abraçava o Cordel, impelido pelas mesmas forças, que fizeram brotar o cangaceiro e o beato.

Ao colocarmos o surgimento dos três fenômenos, no século XIX, não queremos dizer com isso que apareceram de inopinado, nesse século, não queremos olvidar ou calar suas origens, que são remotas, fincadas na península ibérica, responsável, através de Portugal e Espanha (esta última, durante 60 anos) pela colonização do Brasil, principiada no Nordeste.

As crenças, as abusões¹ penínsulas aqui chegaram, com os primeiros colonizadores, engrossadas pelas levas de emigrantes que, no Nordeste, aportaram, trazendo, em suas bagagens e em seus corações e mentes, os produtos de sua fé², (Sebastianismo, por exemplo), de sua arte, de sua literatura, de seus hábitos e de suas práticas de vida que, acendrados, precipitados, afloram fortalecidos, inflamados, bem visíveis, em ondas de banditismo organizado (Cangaço), em hordas de fanáticos (Beatismo) e levas de cantadores (Cordel), propiciados por condições econômicas de precariedade (latifúndio – secas etc.), por circunstâncias sociais (família patriarcal, lutas de clãs, atraso religioso), por fatores culturais adversos (ignorância, estado de semi-barbarismo), por motivações políticas (coronelismo, clientelismo) e forças subconscientes (impulsão estética, temperamento místico e componente sádico).

A literatura de Cordel, através de um seu emissor – o poeta repentista, o cantador de viola – torna-se um fenômeno

¹ Abusão: superstição, credicce, abuso: “Não era ele dos mais supersticiosos, porém os modos estranhos do sertanejo... despertaram em seu espírito as abusões da época”. (José de Alencar – O Sertanejo Dic. do Aurélio).

² Entre esses produtos de fé insere-se o Sebastianismo. Antônio Conselheiro era sebastianista convicto, diz Câmara Cascudo (Dicionário do Folclore): “O povo cantava”: D. Sebastião já chegou / E traz muito regimento / Acabando com o civil / E fazendo casamento / Visita nos vem fazer / Nosso Rei D. Sebastião / Coitado daquele pobre / Que estiver na lei do cão.”

cultural concreto, organizado, a partir da segunda metade do século XIX; com o poeta de bancada, o emissor da escrita, didaticamente datado, 1893, ano de publicação do 1º folheto de Leandro Gomes de Barros, que, juntamente com Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, constituem o trio maior da Literatura de Cordel, na vertente escrita.

O Cordel, originário da península ibérica, chegando ao Brasil, graças ao emigrante lusitano, adquire, no Nordeste, características bem próprias, quer de ordem formal, quer de ordem temática, visíveis numa poética com estruturas aqui elaboradas (a sextilha – os quadrões, ou mourões, os famosos martelos, as décimas, parcelas, etc.) em procedimentos de disputa, engendrados numa agônica singular: mudanças de “gêneros”, perguntas e respostas, demonstração “de ciência”, “impossíveis”, trava-língua, etc.), regidos por uma ética de inspiração tradicional e bafejada pelas normas de amor cortês: eis em seus traços arquiestruturais a *Cantoria*³: glória de criação e maior arrojo de inspiração do Cordel, que se completa com as publicações do folheto⁴, do romance, usuário da poética repentista e dos modelos da poesia popular peninsular, como veículos das histórias tradicionais (Princesa Magalona, Donzela Teodora, Roberto do Diabo, Doze Pares de França, Genoveva de Barbante, etc.), episódios bíblicos e religiosos, dos fastos e fatos circunstanciais (secas-enchentes, crimes de repercussão, eventos políticos, sociais e esportivos, façanhas de cangaceiros, milagres e prédicas proféticas de beatos⁵, etc.), consubstanciados nos ciclos famosas do cangaço e do fanatismo, e na produção avulso de milhares de “livrinhos” em verso, de temática “rica e variada”, como nos lembra Orígenes Lessa. É o Cordel, a espelhar o poder criador, a força inventiva da

3 Cantoria: “Ato de cantar, a disputa poética cantada, o desafio entre os cantores do nordeste brasileiro”, (Câmara Cascudo – Dicionário do Folclore).

4 O livrinho do Cordel intitula-se folheto, quando de 08 (oito) páginas; romance, quando de 16, 32, 64 páginas; ilustrado, a princípio, com vinhetas, as capas hoje se ornar com desenhos, fotografias de artistas de cinema. A partir de 1925, as ilustrações das capas são preponderantemente de xilogravuras, marca, hodiernamente, de identificação das publicações do Cordel.

5 Beato: esse termo, no presente texto, será impregnado num sentido especial, adquirido no Nordeste, para qualificar pessoas, (homens ou mulheres) que se entregam de modo fanático a práticas religiosas, inspiradas num catolicismo rústico, no século passado, avultando como exemplos maiores o beato José Lourenço, Antônio Conselheiro e, por força de semelhança, o Pe. Cícero Romão Batista.

alma sertaneja, nas manifestações de seu imaginário, na ficcionalidade da poesia popular.

Concomitante ao Cordel, avulta o fenômeno do beatismo, que, de uma maneira bem visível, surge com o messianismo de A Cidade do Paraíso Terrestre, instalado em Pernambuco, em, 1817, para ter continuidade, ainda na mesma província, com o movimento messiânico, em 1836, do Reino Encantado, ambos sufocados por tropas da polícia estadual.

A partir de 1870, o messianismo nordestino atinge seu apogeu, com o império do Belo Monte, em Canudos, no sertão baiano, e com a Cidade Santa da Nova Jerusalém – Juazeiro, no sertão do Cariri, no Ceará, “paraísos terrestres”, fundados por Antônio Vicente Mendes – Antônio Conselheiro, e Pe. Cícero Romão Batista – Padim Cicço, respectivamente, de destinos e trajetórias de vida tão dispares, constituindo os dois líderes carismáticos, com o Rei João Ferreira, do Reino Encantado, a trindade dos “beatos mores” do messianismo nordestino, a revelar os sonhos de transcendência da alma sertaneja, de suas aspirações de superação da miséria e dor terrenas, nas manifestações de religiosidade primitiva e tradicional.⁶

Paralelamente ao Cordel e ao Beatismo, aparece o terceiro fenômeno da cultura nordestina – o Cangaço, cujos contornos de banditismo organizado avultam, também a partir da década de 1870, com a constituição do bando de Jesuíno Brilhante (1844 – 1879) o cangaceiro gentil – homem, o bandoleiro romântico; que formará com Antônio Silvino, o Rifle de Ouro, e Virgulino Ferreira da Silva – o Lampião, o Rei do Cangaço, a trincamor do banditismo, cujo desfecho se dá com a morte de Corisco, em 1944. o Cangaço, por sua vez, reflete as reações poderosas da violência do homem sertanejo, diante das opressões do meio físico e da ambiência social de injustiça, a que estava submetido.⁷

6 Veja-se PEREIRA, Maria Isaura, 1976. pp. 216-350.

7 Cangaço, “para o sertão, é o preparo, carregado, aviamento, parafernália do cangaceiro, inseparável e característico: armas, munições, bornais, bisaco com suprimentos, balas, alimentos secos, mezinhas tradicionais, uma muda de roupa, etc”. “Há quatro coisas no mundo / Que alegra cabra macho; / Dinheiro e moça bonita, / Cavalo estradeiro – baixo / Clavinote e cartucheira; / P’ra quem anda no cangaço.” In: CASCU’DO, Câmara. Dicionário do Folclore. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

Assim, o cantor, o beato, e o cangaceiro são os três tipos mais visíveis da cultura nordestina, indelévels na memória coletiva, perenes, enquanto a força do mito, de que se revestem, permanecer, servindo, por vezes, de sustentáculo, paradoxalmente, aos sentimentos de nordestinidade e, em certo sentido, de brasilidade, de uma brasilidade mais ancestral.

Foram as nossas condições sociais, econômicas, no século XIX, que geraram os três tipos culturais do Sertão; cabendo as condições psicossomáticas encaminhar o homem sertanejo, ora para o Cordel, ora para o Beatismo, ora para o Cangaço.

Para o trabalhador rural, para o roceiro, ser cantor, beato e ou cangaceiro, se lhe apresentava como oportunidade de sobrevivência, sobretudo, de ascensão, de visibilidade social, em uma sociedade de apertadíssimo espectro de profissões, de meios de vida. Por meio deles, o homem do campo, no século passado, poderia realizar-se perante seus semelhantes e perante si mesmo, inscrevendo-se na admiração coletiva, e preenchendo-se em sua própria medida de satisfação, como um Criador de mundos imaginários, ao abraçar o Cordel, dando expansão à sua aguçada sensibilidade estética, ao dedilhar a viola (Os Marcos⁸); como Fundador de mundos místicos, ricos de promessas paradisíacas (As cidades Celeciais – Canudos – Juazeiro), ao assumir o múnus de beato, deixando aflorar seu temperamento místico, sob a égide da cruz ou do rosário; como Vingador das injustiças e das opressões dos potentados e do meio, de que era vítima, ao se pôr debaixo do cangaço, dando vazão ao seu espírito sádico, erguendo ao alto o punhal ou o rifle mortíferos (Ataque a Mossoró).⁹

Esses três fenômenos estão imbricados, como a revelar um solo comum de germinação; o cangaceiro não abujara de sua fé rústica; reza, cobre-se de breves e patuás; invoca seus

8 Marco: construção imaginária, erguida pelo cantor, como castelo ou fortaleza, de proporções e segurança desconuais, abundante em espécies da fauna e da flora, como sinal de poder e grandeza desmesuradas, tendo em vista suplantar os marcos anteriores existentes.

9 Ataque a Mossoró: ataque, empreendido por Lampião e seu bando de 50 cangaceiros, à cidade de Mossoró, a segunda, em prestígio e grandeza do Estado do Rio Grande do Norte, após uma marcha de mais 700 quilômetros, feita em lombo de animais ou a pé. Derrotado, Lampião retrocedeu, perseguido pelas polícias do Ceará e do Rio Grande do Norte, conseguindo escapar de maneira inaudita, realizando, de tarde, um feito épico, sem precedente, na história do Nordeste.

santos e diverte-se ao som da viola, e improvisa versos; o beato não dispensa o concurso do cangaceiro; esforça-se por vê-lo em seu meio e entremeiam entre si o punhal e a cruz; o cantador é o porta-voz dos dois, exalta-lhes as qualidades e virtudes, os defeitos e os vícios, apregoa-lhes os feitos, através das fazendas, vilas, povoados ao sertão, e os eterniza no canto e no verso, perenizando-os num romanceiro tipicamente nordestino, através da poesia épica dos ciclos do cangaço e do fanatismo.

Em torno de Antônio Silvino e, sobretudo, em torno de Lampião, os representantes máximos do cangaço, é copiosíssima a produção do Cordel. Nela, podemos perceber como o sertanejo, as camadas rudes do sertão compreendiam o cangaço, percebiam o cangaceiro, a quem se, por um lado o admiravam, como vingador, por outro, o temiam e o condenavam, numa ambivalência conveniente, para não incorrerem na ira das autoridades e dos poderosos do sertão.

Sobre Antônio Conselheiro¹⁰ e Pe. Cícero, vemos a mesma pletora de folhetos;¹¹ de maneira geral, de louvor e exaltação, sobretudo, à figura do Pe. Cícero, num atestado eloqüente de aspiração das populações rurais de sobrepujar suas dificuldades e misérias, em paz com a terra e harmonia com os céus, infelizmente não assim compreendido pelo poder e pelas classes dominantes, que lhes movem guerra de extermínio, com a destruição cabal de Canudos, com o desmantelamento do Caldeirão e Pau de Colher, salvando-se Juazeiro, a Nova Jerusalém, pela inteligência e habilidade do Pe, Cícero, um beato ilustrado, como sacerdote, penitente de Roma, que soube acomodar o coronelismo e a ele acomodar-se, que soube equilibrar-se na linha dos dogmas da religião católica, ora moderado e fanático.

Não é finalidade deste trabalho estudar o cangaceirismo, defini-lo, analisá-lo, levantar suas causas, estabelecer as condi-

10 Ver CALASANS, José Canudos, na Literatura de Cordel. São Paulo: Ática, 1984.

11 "Fim do Século dezoito / Na Bahia apareceu / Um Pregador Cearense / Que dizia: Quem sou eu? / - Sou o Emisário Divino / Salvador do Nordestino / Que ouve o Conselho meu" (Do Folheto - Antônio Conselheiro - o Santo - Guerreiro de Canudos, de Rodolfo Coelho Cavalcante).

ções e as razões de seu aparecimento, e igualdade o beatismo, sua natureza, sua história, os motivos de sua existência, mas mostrá-los como são sentidos pela cultura do povo simples, que julgamos expressar-se na ideologia do Cordel.

Por isso, vamos tomar como exemplares as duas figuras maiores do Cangaço e do Beatismo, no Nordeste do Brasil, Lampião e Padim Cícero, respectivamente, para, operando-lhes as trajetórias de vida, do nascimento à morte, nos eixos metafórico e metonímico da linguagem dos cantadores e poetas populares do Cordel, tentar estabelecer a compreensão dos dois fenômenos, através da elaboração mimética do contorno dessas duas personalidades, encarnações arquetípicas do cangaço e do beatismo, entre nós, nordestinos.

Lampião – Rei do Cangaço

O cangaço, apesar de sua componente de sadismo, teve, em sua vigência, o apoio e a simpatia do povo, das camadas populares do Sertão, despertando os cangaceiros a admiração do sertanejo injustiçado, explorado, e pôde criar na Literatura do Cordel um ciclo épico, de elogio, de exaltação das ações, das lutas, das façanhas, principalmente das três figuras centrais que mais encarnam a natureza do cangaço em seus lances épicos e seus defeitos e qualidades: Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino, Virgulino Ferreira da Silva, profetizado, ao nascer, que seria assassino:

*Lampião era parente
Do grande Antônio Silvino
E trouxe quando nasceu
De ser bandido o destino
A parteira que o pegou
um dia profetizou
Que ele seria assassino.*

Em tropelias e correias pelo Sertão, em brigas individuais, em assaltos, em conflitos de verdadeiras batalhas com

tropas do governo, Lampião pôde escapar de emboscadas, de golpes de faca, e lances de punhal, de descargas de bacamarte, de tiros de fuzil, de traições de amigos e inimigos; de ferimentos, doenças e males; de maldições, esconjuros e de feitiços; de envenenamento, de mordidas de cobra e bichos peçonhentos, graças à proteção do demônio, com quem fez pacto e à salvação das orações de fechamento de seu corpo.

Qual Meleagro¹² rústico, o sertanejo Lampião tornou-se invulnerável, de corpo impenetrável à bala, faca e feitiço, ficando a chama (tição) de sua vida em poder do feiticeiro Macumba, que realizou o fechamento de seu corpo:

*“Foi a casa de Macumba
E ele fez o serviço
Feichou o corpo do rapaz
Pr’a bala, faca e feitiço
Então disse a Lampião:
Não haverá valentão
Que pise no teu toutiço.*

*Primeiro ele sujeitou-se
A um processo arriscado
Em um caixão de defunto
Passou uma noite trancado
O feiticeiro o ungiu
E quando ele de lá saiu
Estava de corpo fechado.*

*Disse-lhe o velho Macumba
Agora podes brigar
Bala não te fura o couro
Faca só faz arranhar,
Feitiço não te ofende
E a policia só te prende
Depois que eu acabar.*

*Porém, depois que eu morrer
Ficarás de corpo aberto
Tudo pode acontecer-te
Deverás andar alerta
Pelos maus serás vencido*

12 Meleagro: “Príncipe etólio, teve, a nascer, a vida ligada a um tição que ardia na lareira” Câmara Cascudo, Meleagro, p.15.

*Deves viver prevenido
Que a morte terás por certo.”*

De acordo fechado, na despedida, recebe Lampião do feiticeiro um patuá, amuleto protetor, e põe-se a caminho, quando se lhe depara o diabo e travam um violento combate; no final, o demônio propõe-lhe uma aliança, selada com o sangue de Lampião, agora convertido num Fausto bronco:

*Aí o negro partiu
E disse vamos a ela
Você hoje vai comigo
Já deixei pronta a panela;
Vou comer-te em panelada
Do fato faço buxada
E do sangue cabidela.*

*Lampião atirou nele
Mas quando a bala partir
Na boca o negro aparou-a
Cuspiu-a fora e sorriu.
E disse: bala p'ra mim
E comida de festim
Foi quem sempre me nutriu.*

*Então ele com punhal
Tentou furar o diabo
Porém a ponta da arma
Envergou até o cabo
Sem que lhe arranhasse o couro
Satanás por desaforo
Deu-lhe uns cascudos com o rabo.*

*Lampião ali benzeu-se
E chamou por S. Cipriano
Dizendo ao santo: livre-me
Desse negro desumano*

*Disse o diabo com espanto
Não precisa chamar santo
Porque já mudei de plano.
Acalma-te Lampião
Que não mais ofenderei
Machoca esses quatros dedos
Que teu amigo serei;
Desejo ser um teu sócio
Vamos entrar em negócio
Pois eu te protegerei.¹³*

E fazem o pacto, diz Mário de Andrade, “selado com sangue de Lampião, que o diabo bebe e leva um pouco pro Maioral (nome que dão no Nordeste ao chefe dos diabos). O diabo protegerá sempre Lampião em troca da alma deste e também porque dos quinhentos indivíduos que Lampião matar, sempre uns dois centos de almas irão pro inferno”.

Esta é a aspiração suprema do homem sertanejo: a invulnerabilidade e o poder, a protegê-lo da doença e da opressão, duas das maiores pragas a afligirem os pobres, desamparados da Medicina e da Justiça. O poeta do Cordel, por seus versos, converte em poesia o que anda, disperso, latente, mas vivo na alma do povo, naquela parte da alma que se alimenta do sonho, de mito, da magia, do que é defeso pelas duas ortodoxias herdadas da Europa: a missa e a receita médica, metonímias que são da Religião e da Medicina oficiais.

O espaço de Lampião é um dos círculos do inferno nordestino: homicídios, latrocínios, perversidade, maldade, traços semânticos do mal.

Desaparecido Macumba, Lampião volta a ter o corpo aberto, para encaminhar-se para a morada dos réprobos, aos 38 anos de idade, com sua morte violenta, a 28 de julho de 1938, na garganta de Angicos, precipitando sua “Chegada ao Inferno”:

13 Ver ANDRADE, Mário de. Baile das quatro Artes

*Uma cabra de Lampião
Por nome Pilão Deitado
Que morreu numa trincheira
Em certo tempo passado
Agora pelo sertão
Anda correndo visão
Fazendo mal-assombrado.*

*E foi quem trouxe a notícia
Que viu Lampião chegar.
O inferno neste dia
Faltou pouco pra virar
Incendiou-se mercado
Morreu tanto cão queimado
Que faz pena até contar.¹⁴*

O Taumaturgo do Sertão

Em capo oposto, na contraface do mal, está o Pe. Cícero Romão Batista, cujo nascimento ocorre em circunstâncias totalmente diversas, aparecendo ao mundo na figura de anjo barroco, sob as ordens de Jesus:

*Em 1844
foi a evolução
a vinte e quatro de março
foi grande a satisfação
em um dia de domingo
nascia Cícero Romão
A oito de abril seguinte
à pia ele foi levado
seu padrinho foi seu avô
velho bem conceituado
Sua madrinha uma tia*

14 Estes versos pertencem ao folheto – Chegada de Lampião no Inferno, de José Pacheco.

*e foi grande o batizado.
Com o nome de Cícero
o menino foi batizado
tinha os olhos azuis
e o cabelo cacheado
alvo, loiro e bonito
Assim Jesus tinha mandado.¹⁵*

Cícero Romão Batista teve seu corpo, não fechado, mas unguido pelo óleo do sumo sacerdote Melquisedeque: ordenou-se padre, em 1870, iniciando de imediato, após delegação divina, seu peregrinar pelo arraial de Juazeiro, para, após um período de provação: trabalhos, sacrifícios, penitências, selar com Deus um pacto de santidade: a hóstia por ele ministrada à beata Maria de Araújo desfez-se em sangue.¹⁶

*No meio desse espetáculo
bonito, maravilhoso
o líder religioso
chegou ao maior pináculo
sem o menor obstáculo
limpando coração sujo,
igualmente a um marujo
que garante uma fragata
deu-se o caso da Beata
Maria Araújo...*

*Deu-se o caso verdadeiro
por um grande público visto
sem haver nada previsto
o milagre realizou-se
uma hóstia transformou-se
no sangue de Jesus Cristo.*

¹⁵ Estes versos pertencem ao folheto – Chegada de Lampião no Inferno, de José Pacheco.

¹⁶ Este fato extraordinário ocorreu na primeira sexta-feira do mês de março de 1889. a fama espalhou-se, rápido, por todo o Nordeste.

*Na boca da Beatinha
que estava ajoelhada
encostada na mesinha
às cinco da manhãzinha
o Padre Cícero Romão
lhe entregou a comunhão
quando lhe à recebeu
em sangue se converteu
que caiu pingo no chão.*

Doravante, torna-se o Pe. Cícero, uma figura mística, o Taumaturgo do Sertão.

Sua fama espalhou-se por todo o Nordeste, das cidades aos sertões; multiplicaram-se os milagres; fazia paralítico andar; dava vista aos cegos, curava enfermidades, expulsava demônios; chegando a dar uma surra no Diabo, 1922:

*... Meu Padrinho foi falando
Com o seu cajado na mão
Quero que vocês me mostrem
Esse cara valentão
Porque a hora é esta
Ele disse que detesta
O Padre Cícero Romão.
O Satanás não sabia
Que era o Padre daqui
Quando viu meu Padrinho
Começou logo a latir
Deu-lhe uma tremura forte
Nas terras do Cariri.*

*Meu padrinho disse: Não quero
Raça que pertença a Luço
Vem procurar mas não acha
A nenhum eu dou recurso
Tenho pra ele um cordão
Dado pela minha mão
Corre nem que apulso.*

*Foi logo amarrando o bicho
Com a ordem divina
O Diabo disse: Esta não!
Veja que não sou menino
O Padre levantou a mão
Deu uma surra no cão
Monstro, perverso e ladino.¹⁷*

Transformou blasfemadores e hereges em monstros horrendos, rasgou caminhos, ergueu ermidas e igrejas, reconstruiu a cidade de Juazeiro, a cidade santa dos romeiros:

*Teve progressividade
o trabalho do levita
aquela vila esquisita
transformou-se numa cidade
seus traços de santidade
se espalharem ligeiro
no Nordeste brasileiro
desde às cidades aos sertões
começaram as conversões
e haja gente em Juazeiro.*

*Realizando procissão
mandando o povo rezar
fazia inverso voltar
desaparecer verão
causava admiração
fatos sobrenaturais
expulsava satanás
tudo que fazia
provocava romaria
e hoje gente inda mais.*

¹⁷ Versos extraídos de Paulo Machado. 1982. pp. 207 e 208.

Estamos diante de um fenômeno histórico: um humilde sacerdote do Sertão, de família humilde, contestado pelos grandes do poder e da religião, exaltado pelos pobres, alça-se a uma das maiores presenças na história civil e religiosa do Nordeste. Estudado por sociólogos, antropólogos, eruditos nacionais e estrangeiros, glorificado pelos poetas do Cordel, tornou-se um messias popular, o mais bem sucedido na corrente do messianismo brasileiro, pois escapou ilesa (todos os outros tiveram morte violenta, por forças do governo), morrendo aos noventa anos, pacificamente, aureolado pelo prestígio de santo, de Taumaturgo do Sertão, construtor de cidade, protetor perpétuo dos romeiros.

Em 20 de julho de 1934, viajou Pe. Cícero para a eternidade; ocorreu então “A Chegada de Pe. Cícero no Céu”, anunciada pelo poeta Renato Dantas:

*“Meu Padim morreu
no ano de 1934
chorou pedra, céu e mar
por todo nosso condado
uma alma santa se foi
para salvar condenado*

*Como bem homem que é
seu caminho prosseguiu
por lindo caminho branco
chegar ao céu conseguiu
em frente ao grande portão
seu chamado se ouviu*

*Ó de casa / disse ele
Ó de fora / falou lá
quem por ventura no Reino
do Senhor Deus quer entrar?
Sou eu, o Pe. Cícero
abra o portão pra eu entrar.¹⁸*

18 Estrofes extraídas do folheto: A Chegada de Pe. Cícero no Céu, de autoria de Renato Dantas, Juazeiro do Norte, 1981

Conclusão

Nosso intento primeiro foi, ao focalizar aspectos do Cordel, do Beatismo e do Cangaço, apontar para esses três fenômenos culturais do Nordeste, as mesmas cousas, atribuir-lhes um solo comum de germinação, responsabilizando os fatores de ordem psicossomática pela opção profissional do sertanejo, ao abandonar a enxada, aderir à viola, pôr-se sob jugo da cruz, ou vibrar o punhal, como possibilidades de fugir às adversidades do meio, ao império da miséria e ao talento das injustiças.

Só os devaneios da arte (Cordel), as promessas divinas da religião (Beatismo), os ímpetos da violência (Cangaço) ofereciam horizontes de escape ao homem do campo, esmagado por estruturas sociais impiedosas e retrógradas.

Entre as forças demoníacas, desencadeadas pelo cangaço, tendo em Lampião, seu protótipo, e as forças sagradas, defluídas pelo beatismo, sendo o Pe. Cícero sua imagem emblemática, levantam-se as forças estesiacas do Cordel, que bem podiam servir também de âncora de salvação.

Bibliografia

ALMEIDA, Átila e ALVES SOBRINHO, José. Roman-
ceiro popular nordestino: marcos e vantagens. João Pessoa /
Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba / Univer-
sidade Regional do Nordeste, 1981.

Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de
bancada. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

ARRUDA, João. Canudos: messianismo e conflito social.
Fortaleza: Ed. UFC, 1993.

AZEVEDO, Sânzio de. Vida, proezas e morte de Jesuíno
Brilhante. Fortaleza, 1996.

BATISTA, Chagas. Cantadores e poetas populares. Pa-
raíba, 1929.

BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da Literatura de
Cordel. Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto, 1977.

BARBOSA, Severino. Antônio Silvino: o rifle de ouro.
2ª. Edição. Recife: Ed. de Pernambuco, 1979.

BARROSO, Gustavo. Ao som da viola. Rio de Janeiro, 1921.

Heróis e bandidos. Rio de Janeiro, 1917.

Almas de lama e aço. São Paulo, 1928.

CALASANS, José. Canudos na Literatura de Cordel. São
Paulo: Ática, 1984.

CASA DE RUI BARBOSA. Literatura popular em verso:
estudos. Rio de Janeiro: MEC/ Casa de Rui Barbosa, 1973.
T.I e II.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Cinco livros do povo. Rio
de Janeiro: J. Olimpio, 1953.

Dicionário do folclore. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia,
1984.

Flor de romances trágicos. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.

Vaqueiros e cantadores. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CUNHA, Euclides. Os Sertões. 28.ed. São Paulo: Bra-
siliense, 1985.

CHIAVENATO, Júlio J. Cangaço, a força do coronel.
São Paulo: Brasiliense, 1990.

- CARVALHO, Rodrigues de. Cancioneiro do Norte. 3.ed., 1967.
- CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião, o rei dos cangaceiros. Rio: Paz e Terra, 1980.
- DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. Rio: Paz e Terra, 1976.
- FACÓ, Rui. Cangaceiro e fanáticos. 4.ed. Rio: Civilização Brasileira, 1976.
- FERNANDES, Raul. A marcha de Lampião: assalto a Mossoró. Natal: Ed. Universitária, 1980.
- LINHARES, Francisco e BATISTA, Otacílio. Antologia ilustrada dos cantadores. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1976.
- LOPES, José Ribamar. Org. Antologia da Literatura de Cordel. Fortaleza: BNB.
- MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião: seu tempo e seu reinado. Rio Vozes, 1985-88. Tomos I, II, III, IV, V e VI.
- MACHADO, Paulo de Tarso Gondim. Pe. Cícero e a Literatura de Cordel. Fortaleza: Editorial Cearense, 1982.
- MAXADO, Franklin. O que é literatura de cordel. Rio: Codecri, 1980.
- MENEZES, Djacir. O outro Nordeste. Rio: J. Olimpico, 1973.
- MENEZES, Fátima. A revolução de 1914 no Ceará e os célebres beatos e cangaceiros que dela participaram. Juazeiro, s.d.
- MOTA, Leonardo. Cantadores. 3.ed. Fortaleza: Ed. UFC, 1960.
- Violeiros do Norte. São Paulo: Ed. Monteiro Lobato, 1921.
- No tempo de Lampião. Rio: Oficina Gráfica, 1930.
- MONTENEGRO, Abelardo F. Fanáticos e cangaceiros. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1973.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. O messianismo no Brasil e no mundo. 2.ed. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1977.

SLATER, Candace. A vida no barbante. A literatura de cordel no Brasil. Rio: Civilização Brasileira, 1984.

TAVARES JR., Luiz. O mito na literatura de cordel. Rio: Tempo brasileiro, 1980.